

A Ilusão dos Séculos...



TARDE doirada de sol, numa apoteose ardente de luz e côr, vida a ressumar a mocidade perenal da terra, em constante palingênésia, desde o terno rebentar da fôlha ao desabrochar — quam gracioso! — da primeira flôr...

Num severo contraste, quando não recriminação ao verde-azul, às claridades lucilantes do céu e das onduladas planícies, certa mancha pardacenta e informe que se recorta nas curvas do horizonte e magôa, pelo inesperado, o sonhador que se deleita a vaguear por entre as galas de Madre Natureza.

É um castelo, um vêlho castelo arruinado, lembrança de eras distantes que ainda se não volveu em pó.

É um vêlho e arruinado castelo, com suas quatro tôrres, de que só uma se ergue altiva a defrontar o espanto dos séculos; a ponte levadiça parece, ainda, esperar alguém; as ameias partidas são, na muralha, como cavidades nuas de vêlha bôca. Dentro dêle, nos lagêdos de outros tempos, por entre escombros, onde vegetam e pululam ervas em franca harmonia com o entulho, rastejam bicharocos repulsivos e assustados. Respira-se ali um ar pesado, triste, inteiramente diverso da fresca e aromatizada atmosfera primaveril dos campos que o envolvem, ar triste e pesado que afoga em nossa alma todos os cânticos de alegria e nos arranca dos olhos a visão alacre da tarde doirada de sol, nos faz volver o pensamento a um passado distante, do qual só restam evocadoras ruínas e lindas, lindas histórias!

Há em todo o vêlho castelo um silêncio conflagrador, que inconscientemente sentimos ser necessário respeitar, como em homenagem a quem voltou do nada. Sente-se em cada canto o vibrar de antigos corações, o estrugir

de potentes e velhas gargalhadas, o soluçar doutras amarguras.

Tôdas às pedras vêlhinhas parecem, no seu mudo abandôno, fazer entre si a evocação de outrora, do vêlho castelão, das formosas donas, de tanta vida — tanta! — que a foice da morte lançou ao esquecimento — como nós seremos atirados, a formarmos outro passado.

Neste ambiente de estranho misticismo, senhores, me perdi um dia, alma pequenina; apertava-me desconhecida mágua e o olhar, errante, sentia-se atraído por uma pedra vêlhinha, vêlhinha como as demais e, no entanto, com aspecto singular.

Era negra, enrugada, cavadinha de sulcos como vestígios de lágrimas; dir-se-ia, porém, que máguas infindas ocultava. Aproximei-me dela, ajoelhei-me a seu lado; minhas pobres mãos inquietas acariciaram-na como a relíquia santa e, então — oh, prodígio! — ouvi uma voz que me falava, uma voz não descontente com a minha profanadora ternura, mas comovida, afectuosa. A alma da pedra, a alma dêsse vêlho castelo, habitava ali, na mais idosa delas, na pedra enrugadinha, que fôra já branca e cinzelada.

Ouvide, senhores, a história linda que ela me contou:

— Tempos áureos e fortes de guerreiros cobertos de ferro e gentis donzelas arrastando sedas e veludos, nos séculos longínquos da idade-média.

O castelo dos Álvares, senhores da mais preclara e nobre estirpe, era então morada bela e inexpugnável que os homens de armas vigiavam dia e noite, sempre num receio de qualquer investida da mourama briosa e atrevida. Pagens louros e galhar-

Uma
história
de
Amor

dos; trajados custosamente, atravessavam os terreiros em mestêres afanosos; infantões e cavaleiros entravam, subiam e desciam apressados as portas e escadas do alcaçar.

O nobre senhor de Álvares, D. Rodrigo, velho conde a quem muitas e profundas cicatrizes de alfange não desaprumavam o corpo, ainda robusto, a-pesar-da idade, aprestava-se, com a sua hoste, para se juntar ao exército de el-rei, em marcha para o sul do reino.

Soaram, por fim, as charamelas estridentes, em alvorçado toque de guerra. Larga multidão de homens de armas surdiu de todos os lados, indo postar-se junto à ponte levadiça.

Restolhar de passos, tinidos de ferros, balbúrdia informe de gritos e música.

O conde, soltando-se dos braços da linda filha Leonor, desceu as escadas da sala nobre.

Por momentos, quêda, a reter os soluços, ficou a delicada condessinha; mal, porém, os passos de seu pai se esbateram ao longe, volveu dum salto ao aposento contíguo, as mãos no peito a susterem o bater desordenado do coração, que palpitava sob as carnes mais macias que as próprias sedas dos vestidos. Acercou-se dum pesado reposteiro, levantou-o rapidamente e bateu com os dedos brancos e afuselados — tão brancos e afuselados que faziam inveja, na côr, ao linho mais alvo e, na graça, ao fuso ditoso que tal linho fiasse.

Respondeu-lhe uma voz fresca e varonil. Abriu-se a porta e surgiu esbelto cavaleiro, armadura a relampejar aos raios de sol que se coavam através do vitral guarnecido com graciosa imagem.

Leonor avançou uns passos... e logo um

peito forte a acolheu. Estreitaram-na dois robustos braços e as bocas uniram-se em meiga e infinda promessa de amor.

Leonor pousou as níveas mãozinhas sôbre o ferro que vestia o cavaleiro e deixou acariciar o cabelo, flavo como oiro, pelos lábios do mancebo.

— Meu amor... vai que me fazes mal! — murmurou a donzela, palpitante, a ocultar com as pálpebras o rolar de indiscretas lágrimas.

— El-rei manda... e eu, seu vassalo fiel, não desobedecerei! Vou, sim! Mas deixo aqui o coração, junto da minha Leonor, da minha amada noiva! Oh, senhora, senhora da minha alma! — bradou, exaltando-se com a febre do amor: — Morto que eu seja, será vosso o meu último pensamento! Vivo que eu volte, por vós, tesoiro único, terei derramado meu sangue!

— Morrer?! Morrer?... Oh! Mas, acaso, tu poderás morrer? Tu? Oh, louco, meu amor, meu nobre e leal cavaleiro! Não morrerás, não! Tu hás-de viver, hás-de regressar vivo e coberto de glória, meu bem — e estreitava-o até se maguar na rija armadura, como querendo ofertar-lhe a vida própria, num resgate sublime.

— Voltarei... pois quem falou em não voltar?... Voltarei para levar aos pés do altar a minha linda condessinha!

Soaram na distância os chamamentos estridentes das trombetas.

— Parte! — implorou-lhe ela com voz sumida. — Sofrerei, como amante e mulher, mas pelo sangue ilustre de meus pais devo ter coragem para sofrer. Parte! Vai, que con-



tigo vão meu coração e minha alma! Parte, mas não te esqueças de mim, não te esqueças da pobre Leonor, que foi a companheira dos teus folguedos de criança, que te ama, que só vive para ti! Não te esqueças da tua condessinha, para quem só há uma aspiração.

Dissera tudo entre lágrimas e sorrisos, a implorar e a ordenar, com ternura e firmeza singulares. Repetiu, ainda:

— Vai! Quando voltares, esperar-te-hei lá no mirante! Quero ser a primeira a dar-te o beijo das boas vindas.

Destalecida, encostou-se à parede para não cair. O jovem guerreiro ajoelhou e beijou-lhe a mão; depois, sem mais a olhar, desapareceu pela mesma porta. Cerrou-se o reposteiro sobre êle.

Leonor deu um grito... e, quando teve consciência de si, já nos braços das suas damas, quis correr ao mirante, para um derradeiro adeus aos entes queridos que lhe fugiam.

Ao longe, entre nuvens de pó, no ponto longínquo onde o caminho parecia unir-se com o céu, a numerosa hoste não era mais que um pontinho negro...

Leonor baixou a cabeça e dos seus olhos maguados tombaram lágrimas em fio — pérolas perdidas.

.....

Loiro menestrel de anelados cabelos e olhar nostálgico entoava suave romance, acompanhado pelos sons dulcíssimos que seus dedos dedilhavam no alaúde. A cabeça formosa pendia-lhe sobre o mavioso instrumento e a voz pura ia-se perdendo no espaço, em doloridos soluços.

Muitos olhos húmidos de lágrimas o fitavam; branca mão lhe assediava os cabelos e ternas pupilas se perdiam ao longe, lá nesse distante caminho branco, que parecia tocar o infinito azul donde se derrama a luz bemdita.

Finalmente, a voz do pagem extinguiu-se no último acôrde; ergueu-se, então, devagarinho da almofada onde estivera ajoelhado e, inclinando-se ante a pálida donzela, que de negro vestida mais pálida parecia, murmurou:

— Acabei, senhora!

Leonor, a bela condessinha voltou para êle os olhos tristes:

— Linda história essa que contaste... Pobre da fidalguinha a quem roubaram o amor... e que soube perdoar!

Pairou por instantes comovido silêncio.

Desde que D. Rodrigo partira e lá morrera, a alegria fôra-se e nem já o moço menestrel sabia cantar mais que essas melancólicas e sentidas toadas de sofrimento e lágrimas.

Haviam voltado um a um os guerreiros audazes que a morte não colhera. Regressos cheios de ventura para os felizes que os esperavam; regressos a trasbordarem de anciedade para a triste condessinha, a sonhar em cada instante o rosto amado por detrás dêsses elmos.

Muitos haviam regressado.

Êle... nem morrera nem regressava!

Mas não podia tardar! Por certo que não tardaria! Muito penara já Leonor para que sua agonia se prolongasse naquela esperança sem fim!

Lá no mirante, desde que o sol nascia até que no horizonte se afundava, a linda condessinha esperava o regresso do noivo triunfante.

Súbito, ao longe, nesse ponto distante onde o branco caminho parecia juntar-se ao azul infinito do céu, surdiu um pontinho negro, que crescia veloz, quanto mais se aproximava do castelo.

Ergueu-se Leonor, alanceada de esperanças; acerrou-se da beira, seguida pelas damas alvo-roçadas.

Mais perto já, divisou-se um cavaleiro, em cujo elmo tremulavam as côres rubras do conde.

Enfim! O cavaleiro querido, o único que faltava!

Tardara, mas vinha! Que importava que Leonor muito houvesse chorado se êle estava perto, se perto vinha quem suas faces com carinho secaria?

Ah, Leonor, Leonor! Pálida condessinha de olhos garços, como batia apressado e doido o coração que lhe déras!

Já as sentinelas da vélha fortaleza haviam avistado o cavaleiro; já as correntes rangiam com o pêso da ponte que descaía vagarosa.

O cavaleiro susteve o possante alazão e, saltando abaixo, bradou:

— Novas! Novas para Dona Leonor!

Senhor!? Pois era possível não ser ainda o desejado?

Para êle se ádiataram dois homens de armas e de suas mãos receberam um rôlo de pergaminho.

O cavaleiro, sem descerrar a viseira, saídu Leonor, que, apoiada às suas damas, mal podia conter o desfalecimento da desilusão cruel.

Extática, viu partir o mensageiro à desfilada e quasi nem dava fé que a seu lado, de joelhos, um pagem lhe apresentava o pergaminho.

Por fim, atentou nele. Tomou-lhe das mãos a missiva e, num sobresalto, mixto de dor e fé, abriu-a, leu-a.

O que leu, de relance, num só volver de olhos, fê-la cair nos braços que se lhe estenderam, branca como lírio de inocência.

Dizia assim :

Leonor :

«Retardei até ao último instante o revelar-te a mais dura verdade que podia ferir o teu coração de anjo.

Minha pobre irmãzinha—deixa que assim te chame — enganei-me ao confessar que te amava. Tomei por esse sentimento louco que só agora sinto a palpar em mim na sua doce violência, a afeição branda e calma que te dedico. Enganei-me e também por certo te enganaste. Não queiras mais saber de mim, Leonor. A esta hora, quando o mouro que disfarçado com a minha armadura te houver entregado esta carta, eu, Leonor, terei renegado a fé de nossa infância porque amo, amo gentil moira tão ardente e apaixonada quanto és meiga e linda.

Perdoa-me, Leonor !

Não te troquei, pálida donzela, cheia de ternura, por capitosa flôr de mistério. Não te troquei, não! Tu és a minha irmã e ela é a mulher que adoro e que o fatalismo pôs no meu caminho.

Perdoa-me, Leonor e crê... por muito estranho que te pareça: Eu guardo de ti a mais terna saúde e recordação»

O teu irmão

Rui

.....

Quando Leonor, a pálida condessinha de olhos tristes, voltou a erguer-se, dir-se-ia que a dor a tornara transparente, diáfana e tão leve, tão leve, que por certo a brisa suave do entardecer a levaria embalada



no seu manto perfumado, conduzindo-a ao céu.

Voltara ao mirante, desde que o sol despon-tava até ao seu poente, e ali ficava, apertando nos dedos o pergaminho fatal e repelindo, com obstinação dolorosa :

— Não! Não pode ser! O meu amor há-de voltar! Não nos enganámos! Não!

Tôdas as tardes, olhando o ponto distante onde o caminho branco parece tocar o infinito do céu, ela esperava, confiante, o regresso daquêlê que não quis voltar...

Certo dia, à hora do crepúsculo, dolente e cheia de subtis perfumes, a brisa suave que lhe beijava sempre os cabelos, com pezar da linda condessinha, a pobre constante de amor, embalou-a no seu leve manto, embalou-a até lhe adormentar o padecer e, depois, no receio de a despertar, cercando-a de flôres, levou-lhe a alma de mansinho, até aos pés de Deus...

Senhores:

Esta foi a história que me narrou a pedra vêlha e carcomida.

Disse-me ela, também, que em tôdas as tardes a alma branca de Leonor desce ao arruinado castelo e chora, chora com saúdades daquêlê que não voltou...

Nessa tarde doirada pelo sol, apoteótica de luz e côr, ressumando a eviterna mocidade da terra, a vêlha fortaleza parece dizer-me, na sua voz de pedra que amou e sofreu:

— Olha que o amor é traiçoeiro, aleivoso como o guerreiro que esqueceu a linda con-

dessinha, mal-ditosa vítima de doce e cruel ilusão, a maior de todos os séculos.

ODETTE

PASSOS

DE

SAINT

MAURICE